

Discurso da Formatura do PROLIND ALAGOAS

Tentei lhe dizer muitas coisas, mais acabei descobrindo que amar é muito mais sentir do que dizer. E milhões de frases bonitas, jamais alcançariam o que eu sinto... - José de Alencar

Caríssimos (as), o dia de hoje já é histórico pela sua natureza emblemática. Encho-me de orgulho e de boa vaidade por celebrar com vocês um momento tão especial, tão singular. Tenho tido experiências exitosas e envaidecedoras em diversas vertentes da minha vida, mas devo confessar que poucas me orgulham tanto quanto esta. Não é sempre que uma Universidade, e tenho a sorte de estar no seu comando neste momento, celebra a formatura de um grupo de 100% de professores indígenas. Não pela falta de merecimento, mas pela negligência histórica com esses povos. Assim, antes mesmo de falar do protagonismo destes que aqui celebram sua formatura, queria render meus agradecimentos, antecipadamente, a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para que isso se tornasse realidade. Por acreditarem na Uneal e no potencial dos indígenas que hoje celebram sua formação superior.

Não ousarei citar nomes, por saber o tamanho da corrente que se formou em torno desta causa e, assim, não correr o risco de deixar alguém de fora. Mas tenham certeza que sou grato em nome da nossa gestão, da nossa Universidade, a todos que não mediram esforços em contribuir, cada um a sua maneira,

capacidade e limitação, para o sucesso que hoje comemoramos e celebramos. Partilho com todos vocês a minha alegria e júbilo. Mas, queria iniciar minha fala, para não negar minhas raízes literárias, citando Oswald de Andrade, quando diz:

Quando o português chegou,
debaixo duma bruta chuva,
vestiu o índio.
Que pena! Fosse uma manhã de sol,
o índio tinha despido o português.

Isso para falar da possibilidade que perdemos em construir outra História. Uma História ditada por aqueles que aqui habitavam e que, muito mais que os seus algozes, conheciam essas terras. Sei que não se pode mudar a História, os rumos já tomados. Mas, nunca é tarde para reorientar os passos a serem dados e escrever outra História. Não queremos, nem tampouco é nosso objetivo, entrar na celeuma das ações afirmativas e das ideologias que circulam na academia sobre isso. Quero, tão somente, lembrar a todos da dívida histórica que temos com os nossos povos indígenas, em Alagoas, com as doze etnias que aqui vivem. E isso, caríssimos (as) há que ser pago. Mais tempo, menos tempo seremos cobrados, já me preocupa o preço da fatura acumulada pela sociedade brasileira com os nossos povos tradicionais indígenas.

Mas, o que se busca e que aqui protesto não é caridade. Não se trata de migalhas sociais e econômicas, mas de uma equalização de fato. É preciso, como diria Paulo Freire, que a

justiça social chegue antes da caridade e é por isso que luto e acredito nesse projeto chamado Universidade Estadual de Alagoas. Sei que o caminho para essa equalização social passa pela educação. Por isso, não medimos esforços no sentido de tornar possível esse sonho que hoje muitos realizam. Acredito que é um grande passo rumo à emancipação de nossos povos. Ter nível superior, sobretudo num país marcado por tantas injustiças sociais, é um privilégio. Sendo indígena, o significado é ainda mais acentuado.

Não é preciso ser um especialista da História, sobretudo quando se vive ou se estuda a realidade alagoana, para saber como esses povos foram, ao longo de séculos, esquecidos, excluídos e até dizimados. Mas, felizmente a nossa população indígena, mesmo contra a vontade daqueles que não querem a sua reprodução e permanência, para garantir a posse das suas terras, tem aumentado nas últimas décadas. Segundo o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, eles somavam 294.131 (duzentos e noventa e quatro mil, cento e trinta e um) em 1991; aumentando no ano 2000 para 734.127 (setecentos e trinta e quatro mil, cento e vinte sete) e para 817.963 (oitocentos e dezessete mil, novecentos e sessenta e três) em 2010. Isso significa um incremento de mais de 278%. Esse número representa apenas 0,4% da população total brasileira, mas com um valor cultural e humano não quantificável.

É claro que isso não significa dizer que houve, necessariamente, uma explosão demográfica. Não sou geógrafo, mas convivo com muitos destes especialistas e sei que o que está havendo é, na verdade, uma declaração mais clara, fruto das últimas conquistas em termos sociais, da condição de ser índio. Sendo, naturalmente, algumas conquistas literalmente arrancadas pelos povos e suas lideranças, organizados em diversos fóruns e instâncias deliberativas e de propositura.

Estamos muito longe, reafirmo, de uma sociedade da inclusão. Entretanto, temos dado, ainda que lentamente, alguns passos. Esta ação que hoje celebramos, e que contou com o apoio incondicional do Governo Federal e da nossa presidenta Dilma, do Ministério da Educação, da Secretaria da Diversidade, do Estado de Alagoas, é um exemplo. Precisamos, tão somente, multiplicar. Afinal, não podemos deixar se perder uma riqueza cultural e humana do tamanho dos nossos índios. São 274 línguas faladas por brasileiros que pertencem a pelo menos 305 etnias diferentes.

Em Alagoas são 16.291 (dezesesseis mil, duzentos e noventa e um) indígenas, sendo que desse total apenas 38,5% vivem em terras indígenas. Perseguidos por uma política de favorecimento, histórico, da oligarquia, essas pessoas são obrigadas a deixarem suas terras e migrarem para as cidades em busca de sobrevivência. Na ganância pela ocupação de terras, não são poucos os casos, Brasil afora, de massacre destas comunidades. É preciso que

saiamos em sua defesa. Está mais que na hora de comprarmos a “briga” por esses povos, alias, está passando do tempo. E nossa “briga”, a nossa “luta”, afirmo, se dá em ações como esta. Uma solenidade de formatura que já nasce Histórica, emblemática, não só em nível de Alagoas, mas de Brasil. Tenho muito orgulho de, em quase 200 anos de nossa Estrela Radiosa, a nossa Alagoas querida, ser protagonista desta ação e poder vivenciar, na prática efetiva, uma fala que já se tornou clássica criada por um índio alagoano que diz assim: “A educação do homem branco não ensina o prazer. A Educação do Índio, ensina!” Jairã (Índio Tingui-Botó), município de Feira Grande-AL.

Vamos lembrar os momentos enriquecedores desenvolvidos nas aldeias, momentos em que até mesmo transferíamos a sede da reitoria àquela aldeia escalonada para receber o PROLIND naquele semestre, o respeito à tradição, a escuta dos mais experientes, os pajés, por exemplo, grandes guardiões da sabedoria indígena; vamos pensar na beleza do toré, sempre dançado nos finais das atividades, momentos em que índios e não índios entravam na dança e comungavam do espírito e da cultura, vibrante, latejante, de nossos povos tradicionais e civilizações indígenas diversas, hibridizando os seus saberes e as suas tradições. Vamos reviver os grandes debates políticos e de formação em torno, por exemplo, do processo demarcatório das terras indígenas em Alagoas, realizados nas modalidades de licenciaturas ofertadas nesse momento: Pedagogia, Letras,

História e Ciências Biológicas que sempre tiveram como eixo maior, a nossa interculturalidade, os nossos hábitos e a cultura indígena de nossos povos. Vamos lembrar a publicação do calendário da Fapeal/Uneal 2015 com a temática do índio alagoano em tela e o livro em que estaremos publicando agora na Bienal Internacional do Livro de Alagoas, intitulado: *a Alagoas: a herança indígena*, todos estão convidados desde já. E acreditem, a nossa experiência com vocês, contaminou a nossa Universidade, a forma de pensar de nossos profissionais, de nossos estudantes. A nossa Universidade é outra depois dessa experiência.

Pois bem, ainda segundo o IBGE, a taxa de alfabetização dos indígenas de 15 anos ou mais de idade está abaixo da média nacional. Nas terras indígenas ao menos 32,3% ainda são analfabetos. Esse percentual chama a nossa responsabilidade e a do Estado Brasileiro em implementar políticas públicas, a exemplo do que estamos realizando, ainda que com tantas dificuldades, na Uneal. Estamos conscientes desta responsabilidade e da necessidade de se fazer ainda mais. Afinal, foram eles os primeiros a povoarem esta terra que hoje chamamos Brasil. Foram eles quem, historicamente, estiveram à frente da proteção da nossa natureza, das nossas riquezas que, infelizmente, dada a pouca capacidade de resistência frente ao avanço técnico da Europa, com seus canhões, baionetas e fuzis, usurparam de nós bens tão preciosos.

Entretanto, o bem maior eles nunca conseguiram usurpar: a nossa consciência de classe social. Essa consciência, forjada, como diria Marx, no ser social não foi e não será por nenhum grupo dizimada, subestimada. A obtenção de um título de nível superior por este grupo atesta a escrita de uma outra História de protagonismo social a partir de agora. Em sendo assim, falemos do futuro. Das possibilidades que, a partir de agora, se apresentam.

Desse dia em diante vocês passam a congregar um grupo muito seletivo de profissionais de nível superior que, na realidade brasileira, soma pouco mais de 5%. Munidos desta ferramenta, vocês podem escrever uma nova história. Façam da educação, impulsionada pela gama de conhecimentos adquiridos ao longo deste curso que ora finda, a mola propulsora de um novo protagonismo. Não permitam que falem por vocês, que os subjuguem. Escrevam suas histórias e as contem a seus filhos para que sirvam de espelho das novas gerações, com todo respeito à cultura oral que permeia a tradição ancestral indígena.

Tal reflexão bebe, em grande medida, se pensarmos os protagonismos dos nossos povos indígenas numa dimensão mais internacionalizada e as contribuições de todos os nossos irmãos índios no mundo, por exemplo, no Art. 3º. do Código de Ética do Índio Norte-Americano que assim diz: "Procure conhecer-se, por si próprio. Não permita que outros façam seu caminho por você.

É sua estrada, e somente sua. Outros podem andar ao seu lado, mas ninguém pode andar por você.

Não desistam de nos ensinar. Acreditem, a passagem de vocês pela Uneal serviu mais para aprendermos que para ensinarmos. Cada gesto, cada História de vida contada, cada singularidade no modo de agir, fosse nos férteis momentos presenciais nas aldeias, fossem nos momentos aqui na Universidade, serviram para alicerçar na Uneal uma consciência de que outras possibilidades de convívio humano e com a natureza é possível. O pouco que ensinamos a vocês caracteriza-se, tão somente, pela linguagem científica do muito que vocês já conhecem. Pela sistematização, à maneira ocidental, daquilo que vocês já praticam há séculos. Assim, mais uma vez eu peço: não desistam de nos ensinar. Nós, da Universidade Estadual de Alagoas, não desistiremos de vocês, continuaremos o PROLIND com a oferta de outras licenciaturas não oferecidas nesse momento, temos convicção de que com o alto grau de responsabilidade que gestamos esse convênio, as portas em Brasília estão abertas e a nossa disposição para nos apoiar a continuar perseguindo a nossa missão institucional de trazer para dentro, quem esteve, durante tempo, fora.

Por fim, quero fazer minhas as palavras de Darcy Ribeiro ao afirmar que “[...] a dignidade da nação brasileira repousa na sobrevivência dos índios”. E lamentar, ao seu lado, que essa etnia tenha sido tão ignorada ao longo da História. A nossa dívida

nunca poderá ser paga, pois as almas que se perderam, apenas num outro plano poderão ser ouvidas. Mas, para não correr o risco de negligenciar no todo ou em parte a sua frase, carregada de um sentimento de pertença invejável, transcrevo-a aqui:

Só me cabe dizer, agora, lamentando sentidamente que esta nossa nação brasileira não precisa mais de índio nenhum para existir. Mas não existirá jamais, em dignidade e vergonha, se deixar morrerem – morrerem até de suicídio – os poucos índios que sobreviveram à invasão quinhentista. (Revista Carta, No. 1, 1991, pág. 9).

É preciso mais que a intenção para dizimar os nossos índios. Afinal, não se dizimam a História e eles – os índios – que são parte, importantíssima, da nossa História. Sua inserção histórica, antropológica, artístico-cultural, humana e social é irreversível. Tirem seus lares, suas terras, sua mãe natureza e ainda lhes sobrarão a vontade de ser livre como foram a mais de quinhentos anos atrás; queimem suas ocas e lhes sobrarão as ideias do povoar; desatem seus cocares e outros adornos de significado ainda maior lhes tomarão a cabeça. Como esquecer os povos indígenas desse país se, por exemplo, o grande José de Alencar, no auge do nosso romantismo, já colocou *O Guarani* comometáfora da epopeia da formação da nacionalidade brasileira. Em síntese, a contribuição dos povos indígenas à construção da História e Geografia brasileira é algo superado, não se discute.

Muito mais que nós, “homens da cidade”, eles, os índios, estão o mais próximo possível de uma vida autônoma, sem os grilhões que nos amarram ao capital, ao consumismo e toda espécie de barbárie. Motivados não pelas conquistas individuais, mas pelo bem coletivo, são exemplos de uma sociedade cuja preocupação principal é o bem estar do seu próximo e das gerações futuras. Pena que não aprendemos com vocês. A oportunidade foi nos dada há séculos atrás, mas nós a ignoramos. Nas nossas missões os escravismos, com o argumento tosco de que estaríamos catequizando. Pobres europeus, não imaginam a oportunidade que perderam de aprender com outro modo de vida que poderia ter culminado numa outra nação e não na que vivemos hoje, repito, da barbárie.

Termino, pois, evocando ao poeta alagoano, Jorge de Lima, com a poesia *Eu vos anuncio a consolação* e com a certeza que somos parte – nós, a Universidade Estadual de Alagoas - Uneal, dessa nova História que, com muita alegria, na contramão da História oficial, começamos a escrever.

Os pobres que só têm sua pobreza e nada mais;
Os moribundos que contam só com o seu fim e nada mais;
Os fracos que só possuem sua fraqueza e nada mais
podem andar sobre as águas do mar.
Os que têm rebanhos de máquinas,
os que estão pesados de crimes e de ouro ou de ódio ou de orgulho,
esses se afundarão.
Chamaremos um que a guerra comeu quase todo
e só deixou os joelhos caídos no chão.

Esse, Deus lhe dará uma vida de novo.
Chamaremos um que apagou a vida que Deus lhe entregou,
e a ruindade da terra estragou com seus vícios.
Esse, Deus lhe dará uma vida de novo.
Chamaremos um que viu o primeiro minuto. E morreu.
Um que queria sorrir e nasceu sem ter lábios.
Esses serão consolados. Esses ficarão à direita da mão”.

“Contei minha história, agora vou cochilar, sei não!”

Guimarães Rosa

MUITO OBRIGADO!!!

Prof. Jairo José Campos da Costa

Reitor